

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA PAULA TIVELI SIQUEIRA

LETRAMENTO, VOCÊ PRÁTICA?

CAMPINAS
2008

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA PAULA TIVELI SIQUEIRA

LETRAMENTO, VOCÊ PRÁTICA?

Memorial apresentado ao curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS
2008

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Si75L Siqueira, Ana Paula Tiveli.
Letramento, você pratica? : memorial de formação/ Ana Paula Tiveli
Siqueira. -- Campinas, SP :[s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-472-BFE

“De tudo, ficam três coisas
A certeza de que estamos sempre
começando...
A certeza de que precisamos
continuar...
A certeza de que seremos
interrompidos
Antes de terminar
Portanto devemos:
Fazer da interrupção um caminho
novo
Da queda um passo de dança
Do medo, uma escada...
Do sonho, uma ponte...
Da procura, um encontro!
Fernando Pessoa

Agradecimentos:

Em primeiro lugar a Deus, por ter me dado força, coragem e sabedoria.

A meu esposo, companheiro e amigo Aparecido, pelo apoio e compreensão para comigo, devido a minha ausência.

Aos meus pais, que mesmo distantes, torceram o tempo todo para que eu realizasse esse sonho.

As minhas colegas de grupo: Conceição, Adriana, Fátima, Alexandra e Ana Carolina, pelos três anos que passamos juntas, os quais causaram muitas alegrias e pelas trocas de experiências.

A todos da turma “A”, pela dedicação aos estudos e enriquecimento das aulas.

A todos os Assistentes Pedagógicos que contribuíram com o meu embasamento teórico.

Em especial as minhas amigas de curso Elaine e Kelly, por nunca me deixarem desistir ou mesmo fraquejar durante essas árduas noites de estudo.

Enfim, agradeço a todos que de uma forma direta ou indireta contribuíram na concretização desse sonho.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	01
1- MINHA VIDA ESCOLAR	03
2-A FORMAÇÃO DE UMA DOCENTE	06
3-SOU PROFESSORA...E AGORA?	09
4-EM BUSCA DE UM NOVO OLHAR: O CONFRONTO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	14
5-LETRAMENTO, VOCÊ PRÁTICA?	28
6-CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

APRESENTAÇÃO

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O educador, assim, não morre jamais.

Rubem Alves

A elaboração deste memorial não foi uma tarefa fácil, gerou angústias, indagações, desafios, aprendizagens e alguns prazeres ao escrever e refletir sobre os caminhos que trilhei para chegar até aqui. Quando ingressei no curso de Pedagogia do PROESF, já tinha mais ou menos definido o tema para o meu memorial.

Sempre gostei de alfabetizar e na minha vida profissional, venho trabalhando há vários anos com séries iniciais, e, ao final do ano, me sinto realizada com o resultado que a maioria das crianças apresentam: estão lendo e escrevendo.

Alfabetizar sempre foi minha paixão, desde que me formei no magistério e até hoje com um pouco mais de experiência, considero a alfabetização um desafio. E com o passar dos anos, fui percebendo que novas teorias, novas técnicas iam surgindo, de modo a proporcionar uma alfabetização cada vez mais eficaz. E foi nesse meio tempo que ouvi a palavra letramento a qual me chamou atenção, por estar diretamente ligada a alfabetização.

Para saber mais sobre esse tema, enfatizarei Magda Soares e Sérgio Leite, pois esses autores discutem de forma acessível o fenômeno do letramento. Acrescentarei também as idéias de Paulo Freire, pois, este autor propõe um método de alfabetização eclético, isto é, não restrito à silabação e palavração e sim, que parte sempre de palavras que o analfabeto conheça como, por exemplo, tijolo e favela.

Paulo Freire cita a importância que devemos dar ao contexto social em que os alunos vivem e aos conhecimentos que trazem para a escola. Sendo esse um dos critérios que julgo de fundamental importância e tomo como ponto de partida para a elaboração das atividades desenvolvidas em sala de aula. Outro critério fundamental é o comprometimento do profissional, a busca, o resgate da auto-estima e o auto-conhecimento. Porque o trabalho só se tornará eficaz à medida que o professor questionar constantemente seu trabalho; bem como os instrumentos com que o realiza.

Que esse documento seja um meio de transmissão dos meus anseios e conquistas. Que seja um pouco do que tem dentro de mim, e que represente um pouco do meu afeto pela educação.

Durante a escrita do memorial, pretendo contar sobre minha experiência docente no ensino fundamental. Compartilhando meus conhecimentos prévios e os conhecimentos adquiridos, que serviram como um fundamento na minha atuação como professora alfabetizadora.

No decorrer do trabalho, procuro de uma forma ou de outra, mostrar o quanto venho crescendo e aprendendo, no mesmo momento em que mostro que o nosso trabalho como educadores é um trabalho inacabado. Que sofre constantes transformações e nuances para melhorar e renovar nossa prática educativa, no sentido de ensinar melhor. Não o necessário, mas o essencial.

Tenho orgulho de dizer que escolhi ensinar, ou melhor, é um sonho de infância realizado. Portanto, não posso reclamar da necessidade de renovar-me, adquirir novos conhecimentos. A pessoa que se dedica à educação precisa ter uma vida eclética, profunda, intensa e instigante.

Diante disso, desenvolvo o meu trabalho partindo do tema **Letramento, você pratica?** mostrando o meu carinho e apreço pelas séries iniciais, e a vontade de proporcionar uma alfabetização de qualidade diferente da que eu tive na minha escolaridade. Faço um paralelo entre o modo como aprendi e como estou ensinando, ressaltando as contribuições pedagógicas que o PROESF me oportunizou.

Quero neste Memorial fazer valer minhas concepções relacionadas ao eixo escolhido. Mostrar que hoje não basta que o sujeito domine o código escrito, ou seja, a tecnologia do ler e do escrever para ser considerado alfabetizado, é necessário que esse sujeito aplique essa tecnologia na sua vida diária, isto é, que ele se torna um bom leitor e produtor de textos. E que o domínio do código escrito é apenas o primeiro passo para o letramento. Sendo assim, o letramento se sobrepõe à alfabetização.

Trabalhar com a diversidade textual é fundamental hoje em dia em nossas salas de aula, porque o aluno precisa desenvolver a capacidade de usar adequadamente uma linguagem que satisfaça suas necessidades pessoais e sociais, pois é isso que responde às exigências da vida diária e favorece a reflexão crítica e imaginativa da realidade.

Sinto a necessidade de refletir em que consiste o papel do professor? Como o mesmo pode alfabetizar letrando? Qual barreira terá de enfrentar para essa mudança? Que materiais e recursos deverá levar para a sala de aula? E o resultado será o esperado?

É com base nessas reflexões que pretendo desenvolver o meu Memorial, pois, acredito que a análise radical e profunda da realidade, é que possibilita ao aluno a consciência crítica, tornando - o parte integrante da sua transformação.

1 - MINHA VIDA ESCOLAR

“A escrita documenta. Comunica. Organiza.
Eterniza. Subverte. Faz pensar.”
(Rosaura Soligo e Guilherme do Val Toledo Prado)

Iniciar um processo de escrita: esculpir palavras, sistematizar as aprendizagens do vivido, explorar estudos e, contudo lembrar.

Nasci e cresci na cidade de Campinas, sou a segunda filha de uma família de três irmãs. Quando nasci, já tinha uma irmã com três anos.

Meus pais procuravam passar para mim o pouco que sabiam, pois estudaram somente até a quarta série do antigo curso primário, hoje, ensino fundamental. Embora minha mãe não trabalhasse fora, em casa não tive acesso a livros, pois só com o salário do meu pai não dava para ter esse privilégio, sem contar que minha família não possuía hábitos de leitura.

Nunca apresentei resistência em frequentar a escola, pois desde pequenina ia com minha mãe levar a minha irmã, que com cinco anos, estudava no Infantil de uma escola municipal de Campinas. Embora acompanhasse de perto, eu não me sentia integrante, ou seja, eu não fazia parte daquele núcleo escolar. Queria ter a minha professora, a minha sala de aula, os meus colegas. Esse era meu sonho de criança.

O tempo passou e o dia tão esperado chegou. Quando completei cinco anos, também fui matriculada no Infantil da mesma escola.

Com meu uniforme novo, saia de preta azul marinho, camiseta branquinha, conga azul, meia branca até a canela, e é claro, os cabelos presos com um lindo laço de fita branca para combinar, fui para o meu primeiro dia de aula.

A ansiedade era tão grande, que minhas mãos estavam trêmulas.

Fomos finalmente encaminhadas para a sala de aula junto com a professora.

Isabel! Esse era o nome dela. Muito alegre e divertida me cativou imediatamente. Era um prazer ir para a escola e poder encontrar a minha professora querida, que sempre me recebia com um largo sorriso. Sempre fui muito tímida, porém, participava de todas as atividades com muito entusiasmo. Nessa fase, as atividades eram mais voltadas à oralidade, ou seja, dramatizações, brincadeiras, etc.

Já no Pré, a professora não era tão divertida quanto a anterior, não gostava que conversássemos na aula talvez por ter a “responsabilidade” e “obrigatoriedade” de alfabetizar seus alunos, e ela acreditava que a “conversa” atrapalhava o andamento da

aula. A partir do momento em que ler e escrever passa a ocupar um lugar de destaque no currículo escolar, os professores se dedicam cada vez menos ao desenvolvimento oral dos pequenos. E o espaço reservado a ele tende a diminuir ainda mais conforme os alunos crescem. Porém, como fui sempre uma aluna comportada não tive problemas com ela. Afinal a professora Maura me ensinou a reconhecer meu nome, as letras do alfabeto... Estava deslumbrada! No caminho eu sempre ia com minha mãe mostrando as letras que eu já conhecia e me sentia muito orgulhosa com os elogios.

Além das letras a professora ensinava-me também exercícios de coordenação motora, aqueles que a maioria dos educadores conhece bem, como o da ondinha vai, ondinha vem, movimentos com o lápis no caminho da borboleta, do peixinho, uma série de exercícios de prontidão para a alfabetização. Quase todos os dias tinha que encher linhas do caderno com exercícios desse tipo, e ao final era avaliada com carimbos de incentivo ou de reprovação. Lembro-me até hoje quando levei o meu primeiro carimbo de reprovação: um solzinho chorando, aquele dia estava cansada de encher as tais linhas e acabei relaxando um pouco.

Fui embora frustrada, mas, isso não me fez desistir, pois, a minha professora me ensinava as letras, contava histórias, e isso me motivava a cada dia e ao final do ano eu já reconhecia quase todas as letras do alfabeto e sabia escrever meu nome.

Enfim, mais um ano que se acaba e mais um novo desafio a ser enfrentado. Matriculada na primeira série, precisei mudar de escola, pois a que eu estudava era de educação infantil, e o pré era a última série que a escola oferecia. Como minha irmã freqüentava a mesma escola, mais uma vez não tive problema de adaptação.

Na escola, a professora da primeira série não era mediadora de todo o processo, só se preocupava em passar o conteúdo de forma rápida de modo a cumprir o seu planejamento, acompanhando os alunos mais desenvolvidos, acreditando que todos aprendiam igualmente, ou seja, o papel dominante do professor era transmitir conhecimentos e informações, onde se acreditava que a aprendizagem ocorria pela memorização dos exemplos oferecidos sem usos sociais, isto é, o que era aprendido na escola muitas vezes não tinha relação com o que o aluno presenciava fora dela.

Lembro – me de que passávamos horas memorizando frases e palavras com sons parecidos como: OBEBÊ BABOU NA BABÁ, IVO VIU A UVA, entre outras tantas. Frases essas totalmente descontextualizadas e sem significância alguma.

O desafio que se colocava para os alunos era a capacidade de reter informações na memória, e o mais importante era seguir pura e simplesmente o que estava na cartilha

“CAMINHO SUAVE”, havia a pressão para não errar durante a cópia de um texto senão praticamente perderia a hora do recreio... Eu era uma criança tímida na escola e essas situações me tornavam cada vez mais fechada no meu próprio casulo.

Portanto, diante dos fatos mencionados e, principalmente através das minhas concepções teóricas e práticas sobre o ensino e a aprendizagem que venho adquirindo no decorrer de minha vida profissional, posso afirmar que o método utilizado na época que fui alfabetizada, visava estritamente os interesses do professor e não do aluno, ou seja, não era dada oportunidade para o aluno opinar sobre o assunto, o professor era considerado detentor de todo o saber. E isso com certeza deixaram marcas profundas, pois até hoje me sinto insegura de me expor ao público, pois fui ensinada a ouvir e aceitar tudo como verdade absoluta. E segundo Paulo Freire, “é preciso saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou construção.” (FREIRE, 1996, p.52).

Hoje enquanto educadora, vejo como papel principal a reflexão, e o agir na realidade do aluno, transformando a função da escola de transferir conhecimentos a formar pessoas integralmente, de uma forma democrática, estimulando a criticidade e fazendo com que o aluno seja capaz de se situar conscientemente em nossa sociedade.

Sendo assim, cresci acreditando que aprender a ler e escrever era o suficiente para se enquadrar nos padrões sociais e culturais da sociedade. Letramento ou, aluno letrado eram palavras desconhecidas da época. Por esses e inúmeros outros motivos, sempre apresentei dificuldades em produzir bons textos e o pior não tenho hábito de leitura. Não costumo ler por prazer, leio apenas por necessidade.

Mesmo inserida neste processo, onde o professor transmite e o aluno assimila consegui concluir meus estudos até a oitava série, pois sempre fui dedicada e estudiosa, e para obter sucesso, ou seja, tirar nota nas provas que eram aplicadas, eu ficava horas e horas decorando as perguntas e respostas dos conteúdos estudados em sala de aula, pois eu sabia que algumas delas seriam escolhidas para a avaliação. Sendo que, “o estudante deverá se dedicar aos estudos não porque os conteúdos sejam importantes, significativos e prazerosos, mas sim porque estão ameaçados por uma prova. O medo os levará a estudar”. (LUCKESI, 2001, p.19).

2 - A FORMAÇÃO DE UMA DOCENTE

“O homem só pode tornar-se homem pela educação
Ele é apenas o que a educação faz dele”.

(Kant)

Em 1994 iniciei o curso de magistério. Sonhava em ser professora, já acreditava na educação como a grande possibilidade de transformação da sociedade.

Prestei um “vestibulinho”, pois optei em estudar no CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) que era um curso diferenciado dos demais. Quem estudasse no CEFAM, ganharia uma bolsa de estudos no valor de um salário mínimo, já que o curso era oferecido em período integral, ou seja, o aluno que entrasse de manhã só sairia no final da tarde, e a bolsa era justamente para esse se manter dentro da instituição. Daí a necessidade de se prestar o “vestibulinho”, pois o número de vagas era restrito e não bastava somente fazer a matrícula era necessário passar pelo processo seletivo, pois a demanda era maior que o número de vagas.

Infelizmente, muitas pessoas queriam a vaga somente para usufruir da bolsa, e a formação ficava em segundo plano, ao contrário de mim que estava em busca da realização profissional: tornar-me professora e, poder me dedicar em período integral era o que eu almejava no momento.

No dia do tal “vestibulinho”, eu estava muito apreensiva, tinha estudado, mas a concorrência era grande. Fiquei em primeiro lugar, só que na lista de espera. Que frustração! Aguardava ansiosa uma ligação pedindo que eu comparecesse para efetuar a matrícula.

Lembro – me como se fosse hoje. Finalmente o telefone tocou, querendo saber se eu ainda tinha interesse pela vaga. A felicidade era tanta que no mesmo dia fui me matricular, afinal eu iria estudar para realizar meu sonho: ser professora.

Estava radiante!

Mesmo sabendo que o CEFAM oferecia um curso diferenciado, eu esperava receber várias “receitas” de como trabalhar com os alunos em sala de aula, montar uma pasta com exemplos de desenhos mimeografados que poderiam ser usados nas datas comemorativas, por exemplo, etc. Porém, o inverso aconteceu. Fui recepcionada no pátio e alguns professores pioneiros do CEFAM disseram aos futuros alunos que eles não forneceriam “receitas”, e sim, “dariam a vara para que pudéssemos pescar”.

Não era o que eu queria ouvir naquele momento, mesmo assim a minha decisão era continuar, pois me dediquei muito para chegar até ali.

O cansaço em estudar o dia inteiro era enorme, mas a vontade de prosseguir era muito maior, e isso é que me fortalecia a continuar. No segundo ano, começou o estágio. A terça – feira, era o melhor dia para mim, pois eu ia “aprender” a ser professora. Muito sorridente ia para a escola. O contato com os alunos me fascinava, e com as professoras então, achava coisa de outro mundo.

Fui estagiar em uma sala de segunda série de uma escola estadual do município de Campinas. A professora sempre me pedia para sair com alguns alunos e aplicar atividades diferentes das desenvolvidas por ela para o restante da classe. Eu prontamente atendia ao pedido. Estar ali com cinco alunos para mim era muito gratificante, pois tentava passar para eles o pouco que eu sabia.

Hoje já formada, consigo entender que o pedido da professora era simplesmente porque ela achava que aqueles cinco alunos atrapalhavam o andamento da sala, ficavam pedindo ajuda o tempo todo e dificilmente realizavam atividades sozinhos, por isso pedia que eu saísse com eles, talvez ela não tivesse a consciência de que “o olhar do professor é fundamental para o crescimento do aluno, e ele não pode ser falso, porque implica outras sensibilidades; o outro sente, percebe, é influenciado por nós.” (TRINDADE, 2000, p.12). Ela alegava que eu estaria dando um reforço, mas na verdade ela não estava nem um pouco preocupada com a aprendizagem dos mesmos, pois quando eles voltavam para a sala, sentavam em uma fileira separada dos demais e ficavam ali muitas vezes excluídos, pelo fato dela não ter tempo e não poder parar com o conteúdo, quando “sobrava” um tempinho, passava atividades que não ofereciam desafio nenhum, tais como: copiar cinco linhas de letra A, depois, E assim sucessivamente. Que tipo de desafio essa atividade proporcionaria?

...Qualquer aprendiz precisa ser estimulado, incentivado, encorajado; afinal, aprender é aproximar-se de novo, do desconhecido, e é muito importante nesse caminho ter alguém em quem confiar... (TRINDADE, 2000, p.13)

O restante do tempo que eu ficava dentro da sala de aula foi o suficiente para perceber que a maioria das atividades era tirada de livros didáticos, que muitas vezes se restringia a exercícios mecânicos e sem sentido nenhum para o aluno. As carteiras ficavam enfileiradas, e os alunos dificilmente trocavam idéias, pois o silêncio e a disciplina eram muito priorizados naquela sala, e segundo Jolibert (1994) a medida que

um aluno vive num meio sobre o qual é possível agir, e juntamente com os outros, discutir, decidir, realizar, avaliar é que realmente são criadas as condições mais favoráveis ao aprendizado.

Penso em quão mais rica seria a aprendizagem desses alunos se pudessem interagir uns com os outros e, principalmente com àqueles que apresentavam maiores dificuldades de aprendizagem, pois entre eles não existe preconceito, pois:

Se olharmos o (a) aluno (a) como incapaz, menor, nossa ação vai se dirigir a ele de modo a subestimá-lo (a)... e esse olhar/ação pode, junto com outros fatores ajudar ele/ela se acredite assim, incapaz (TRINDADE, 2000, p.12)

Tive ótimos professores no magistério, as aulas eram realmente diferentes. Podíamos opinar, sugerir, etc, a maioria das atividades eram feitas em grupo, dada a importância e necessidade do confronto de idéias.

O primeiro seminário! Quase não conseguia falar.

Foi no magistério que tive contato com as teorias de Piaget, Vygotsky, Paulo Freire, dentre outras.

Hoje me sinto privilegiada por ter tido uma formação que me possibilitou tantos conhecimentos e professores comprometidos com uma educação de qualidade. Professores que não me deram “receitas”, e sim me fizeram ir à busca do conhecimento, a encontrar respostas para as minhas dúvidas. Enfim, que me “deram a vara para eu pescar”. Sou eternamente grata.

Terminei o magistério em 1997, foram quatro anos de muita dedicação e ao término estava profundamente satisfeita e convicta de que todo o esforço tinha valido a pena. Dali para frente tinha um novo degrau a subir: colocar em prática tudo o que tinha aprendido.

3 - SOU PROFESSORA ... E AGORA?

“O professor é palavra viva que faz
O conhecimento encarnar- se na vida de
outra pessoa”. (Gabriel Perissé)

Recém – formada, o que eu mais desejava era começar a lecionar. Tinha muitos anseios, idéias e como a ansiedade era maior que o “medo”, comecei a fazer cadastro nas escolas estaduais de Campinas como professora eventual: aquela que substitui quando as titulares precisam faltar.

Do preenchimento do cadastro até o primeiro telefonema para uma substituição, foram seis longos meses.

Em agosto de 1998, fui chamada para substituir por quinze dias uma primeira série. Sem exitar aceitei o pedido, afinal, esperava por isso há meses!

Confesso que fiquei muito insegura, pois estaria entrando em uma sala de aula pela primeira vez.

No dia combinado lá estava eu, pronta para exercer o meu tão sonhado magistério. Não queria deixar transparecer o meu nervosismo, que acredito ser natural, mas sentia meu coração batendo muito forte e tinha as mãos suadas. Procurei saber como era a sala, que conteúdos deveria ensinar... Por sorte, a coordenadora me atendeu prontamente, dizendo que era uma sala muito boa, esse “boa” se referindo a alunos comportados e me ofereceu o seu caderno para que eu o “seguisse” com a classe, já que ela tinha sido professora de primeira série por muito tempo.

Sem experiência, acatei a sua sugestão, já que a mesma era muito respeitada pelo corpo docente (professores) fui então buscar os alunos na fila. Era realmente uma sala bem comportada, é claro que tinha alguns alunos que davam um pouquinho mais de trabalho, tanto na disciplina quanto no aprendizado.

A coordenadora entrava bastantes vezes na minha sala para ver como estava o andamento e se eu precisava de alguma “ajuda”, como eu estava passando para os alunos as atividades escritas em seu caderno, eu acreditava que tudo estava correndo e dispensava maiores “ajudas”.

Sob o caráter de professora eventual, tive que “entregar” a sala após os quinze dias de substituição. Não contei a ninguém, mas, no último dia fui embora para casa muito triste, pois tinha me apegado muito aos alunos e sentia o mesmo por parte deles.

Fiquei nessa escola durante o resto do ano substituindo cada dia em uma sala, e às vezes conseguia uma licença de no máximo quinze dias.

No ano seguinte passei a substituir em outras escolas, mas ainda na função de professora eventual.

Foi em 2002, que me senti realizada profissionalmente, pois fui chamada novamente para substituir uma primeira série, só que dessa vez, por um tempo maior: do mês de abril ao mês de dezembro. Nessa época eu já tinha um pouco mais de experiência pelo fato de estar substituindo quase que diariamente em escolas diferentes, porém, mesmo assim, bateu a insegurança. Nunca tinha trabalhado tanto tempo em uma única série e com uma mesma sala de aula, estava acostumada a lecionar cada dia para uma sala, sem criar vínculo afetivo nenhum com os alunos, afinal eu era considerada a “professora tapa buraco”, mas a minha paixão por alfabetizar falou novamente mais alto.

Aceitei o desafio e busquei com as colegas mais experientes que eu, ajuda em relação às minhas dúvidas, que por sinal eram muitas. A maioria delas era sobre qual seria o melhor método que eu deveria seguir (já que eu conhecia vários) para conseguir que todos os meus alunos chegassem ao final do ano lendo e escrevendo, pois esse era meu objetivo.

Um dos maiores desafios que encontrei foi “conquistar” a confiança dos pais, pois no fundo eu sabia que eles me achavam nova demais para “dar conta do recado”, ou seja, dar continuidade à alfabetização de seus filhos.

A professora titular da sala a qual eu estava substituindo, havia pedido aos pais dos alunos que comprassem a cartilha PORTA DE PAPEL, para que fosse usada todos os dias no decorrer do ano. Muito respeitada por seus vinte anos de magistério teve seu pedido prontamente atendido, pois, quando assumi a sala constatei que todos possuíam a tal cartilha. Folheando-a pude perceber que nada tinha de diferente daquela com que eu fui alfabetizada, o que diferia era somente o nome.

Sempre encorajada pelas colegas, comecei a “pegar o jeito” e a caminhar com as minhas próprias pernas. Queria contribuir com elas e comecei a preparar matrizes para reproduzirmos.

Lembro – me que em um dos exercícios eu escrevi a palavra CAVALO. A minha colega de série ficou perplexa, porque nós não tínhamos ainda ensinado a letra V, então eu não poderia ter colocado aquela palavra, pois os alunos não iriam conseguir ler.

Fiquei arrasada! Não pensei que iria levar uma “bronca”, e sim, um elogio, afinal aquela era a primeira matriz que eu havia preparado sozinha.

Fiquei intrigada com aquela situação, porque para mim eu poderia ensinar perfeitamente a letra V, naquela ocasião, não precisava esperar a seqüência do alfabeto para mencioná-la. Embora não concordasse, respeitei a opinião dela e continuei mesmo que escondida dando algumas atividades diferentes daquelas sugeridas pela cartilha, tais como: lista de palavras, receitas, etc, pois, como professora eventual tinha medo de perder a sala.

Porém na mesma escola a professora Tânia, trabalhava com seus alunos de uma forma diferente da citada acima, que me chamava muita atenção. Ela alfabetizava sem se preocupar com seqüência alfabética e muito menos usava cartilha. Fazia uso de diferentes tipos de texto como: receitas, músicas, parlendas, quadrinhas e poesias. Era dessa forma que eu gostaria de alfabetizar meus alunos, as atividades eram mais ricas e não limitava a criança a escrever somente palavras que já tinham sido estudadas.

Em virtude dos meus alunos possuírem a cartilha e a cobrança dos pais para que os filhos a usassem, entre uma atividade e outra eu a utilizava, porém não ficava somente presa a ela, não a considerava o único meio para alfabetizar as crianças.

E nesse ritmo, a maioria dos meus alunos conseguiram aprender a ler e a escrever, é claro, em níveis diferentes.

A alfabetização cruzou novamente o meu caminho quando me efetivei na rede municipal de Hortolândia.

Prestei o concurso no ano de 2004 e fui aprovada. Que felicidade! Iria ter a minha sala de aula, ocupar um cargo de efetivo exercício como professora, foi para mim motivo de grande satisfação, pois, foram anos de luta nesta profissão tão pouco valorizada e repleta de constantes desafios e acredito que realmente as coisas têm um tempo certo para acontecer na nossa vida desde que, estejamos continuamente persistindo e buscando por ele.

No ano de 2005, assumi novamente uma sala de primeira série do Ensino Fundamental. Estava cheia de idéias e estar mais uma vez a frente de uma sala de aula não me causava espanto. Sabia que iria encontrar alunos indisciplinados, com problemas familiares e de aprendizagem.

Pelo fato de já ter trabalhado com salas de alfabetização, não senti muita dificuldade, tive sorte em encontrar novamente um grupo de professoras muito bom, pois, todas gostavam de compartilhar o conteúdo que estava sendo desenvolvido em sua

sala de aula. Às vezes eu ainda me deparava passando aos meus alunos exercícios cartilhescos, pois fui vítima desse tipo de alfabetização e que dentro de mim ainda permanecia enraizado.

... dizem que mais difícil que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. Abandonar uma idéia supõe renunciar a uma parte do nosso pensamento – daquele que consideramos verdade durante muito tempo – e deixar – se fascinar pelo insólito. É nesta capacidade de fascinação que sentimos o gérmen do progresso. (MORENO, et.al.1999, p.5)

Nesse meio tempo, foi oferecido aos professores da rede Municipal de Hortolândia um curso voltado ao tema alfabetização, o PROFA (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores). Como tenho uma paixão muito grande em alfabetizar e acredito que o conhecimento está inacabado, fui à busca do novo, do diferente, para alfabetizar meus alunos de forma mais prazerosa e eficaz. Não trabalho por amor, mas posso afirmar que o que faço é com amor, cobro demais de mim mesma, nunca estou satisfeita com os resultados, sempre acho que poderia ser melhor. Coisa de professora apaixonada! O trabalho do professor apaixonado nunca se conclui, há sempre algo novo a ser alcançado, pois, “para um professor apaixonado, tudo começa hoje, tudo começa a cada dia, a cada hoje, e tudo tem que recomeçar, mesmo que o passado, que não passa, pese tanto”. (PERISSÉ, 2004, p.191)

E foi nesse curso que ouvi bastante a palavra letramento, que acabou me chamando a atenção e, aprofundando um pouco os meus conhecimentos, pude perceber que o letramento é algo mais que simplesmente ensinar a ler e a escrever e sim, fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano.

Era essa atitude que eu queria desenvolver nos meus alunos, não queria simplesmente ensiná-los a ler e a escrever. Queria algo a mais, e era esse algo a mais que eu estava buscando.

Ensinar não é repetir um modelo até que se aprenda o que quer dizer. Ensinar é compartilhar as dificuldades do aprendiz, analisá-las, entendê-las e sugerir soluções. Como, a cada momento, um indivíduo está numa situação histórica diferente da construção da sua vida e de seus conhecimentos, a cada momento ensinar é diferente (ROJO, 1998, p.8).

A partir disso, senti – me desafiada a alfabetizar letrando, mesmo não me parecendo algo tão fácil, mas também não era tão diferente da forma como sempre trabalhei.

No PROFA, além de estudarmos teorias, eram sugeridas várias atividades, principalmente o trabalho com textos diversificados, que as crianças conheciam de cor, reais e atividades desafiadoras as quais poderiam perfeitamente ser aplicadas em sala de aula. Resolvi então que iria escolher uma e desenvolvê-la com meus alunos, pois, o que eu gostaria de comprovar era se realmente as crianças iriam se sentir mais motivadas a participar ativamente da aula.

Planejei trabalhar com a música “A dona Aranha”, por estar dentro das sugestões propostas. O primeiro passo foi perguntar quem conhecia a música da dona Aranha. A maioria disse que sim. O próximo passo foi cantarmos a música:

A DONA ARANHA
SUBIU PELA PAREDE
VEIO A CHUVA FORTE E A DERRUBOU
JÁ PASSOU A CHUVA
E O SOL JÁ VAI SURGINDO
E A DONA ARANHA CONTINUA SUBINDO
ELA É TEIMOSA E DESOBEDIENTE
SOBE SOBE SOBE
NUNCA ESTÁ CONTENTE

Em seguida entreguei a cada aluno uma folha xerocada com a letra da música e pedi que cantassem colocando o dedinho em cima da palavra que estava sendo pronunciada. Repetimos a música várias vezes; Após a repetição, fui pedindo que circulassem algumas palavras (aranha, parede, etc). Todos estavam eufóricos e aguardando a palavra para localizar na música. Sugeri às crianças que para encontrar as palavras, deveriam identificar a primeira e a última letra e fui colocando na lousa.

A maioria conseguiu encontrar e me chamavam o tempo todo para mostrar onde estava a palavra. E por fim, com a ajuda deles eu terminava de completá-las na lousa.

Realmente, constatei que atividades desse tipo proporcionam uma alfabetização mais “rica” para os alunos, pois diante do que conhecem (a música) se sentem motivados em desvendar o que não conhecem (a escrita da música).

4 - EM BUSCA DE UM NOVO OLHAR: O CONFRONTO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

“É preciso esquecer o aprendido
que nos fez adultos
para ver o mundo com novos olhos”
(Rubem Alves)

Em meados de 2005, fui convidada pela Secretaria Municipal da Educação de Hortolândia a fazer parte da quarta e última turma do PROESF, um curso formulado e pensado para professores em exercício oferecido pela Unicamp.

A minha primeira resposta foi negativa. No meu íntimo eu não acreditava que eu conseguiria passar no vestibular e frequentar uma universidade tão conceituada como a Unicamp, pois estudei sempre em escola pública e o ensino sempre foi muito defasado e precário.

Incentivada pelo meu marido, que sempre acreditou no meu potencial, no dia seguinte fiz a inscrição e qual não foi a minha surpresa! Fui aprovada. Que honra! Senti muito orgulho por estar tendo a oportunidade de fazer parte da história da Unicamp.

O poema abaixo, é muito condizente com o que a Universidade representa para mim.

A UNIVERSIDADE

Universidade é...

O lugar onde se faz amigos,

Não se trata só de prédios, salas, quadros,

Programas, horários, conceitos...

Universidade é, sobretudo, gente,

gente que trabalha, que estuda,

Que se alegra se conhece se estima.

O diretor é gente,

O coordenador é gente, o professor é gente

O aluno é gente,

Cada funcionário é gente.

E a Universidade será cada vez melhor

Na medida em que cada um
Se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de “ilha cercada de gente por todos os lados”.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
Que não tem amizade a ninguém,
Nada de ser como o tijolo que forma a parede,
Indiferente, frio, só.
Importante na Universidade não é só estudar, não é só trabalhar,
É também criar laços de amizade,
É criar ambiente de camaradagem,
É conviver, é se “amarrar nela”!
Ora, é lógico...
Numa universidade assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-ser,
ser feliz.

(Poesia adaptada “A escola” do educador Paulo Freire)

É assim que eu vejo na Unicamp, a possibilidade de adquirir novos conhecimentos através da troca de experiência com as alunas-cursistas e também com as APs (assistentes pedagógicas) que trabalhavam em sala de aula e contribuía fazendo um paralelo entre teoria e prática.

Voltar a estudar para mim, foi mais um desafio a ser enfrentado, já que havia terminado o mestrado há oito anos e por estar exercendo a profissão fazia-se necessário o conhecimento a novas teorias, onde eu poderia confrontá-las mais de perto com a minha prática, pois no mestrado eu estudava as teorias, mas não trabalhava, então tudo parecia estar muito fora da realidade. Entretanto, trabalhando na área e estudando Pedagogia acreditava que poderia oferecer um ensino com melhor qualidade aos meus alunos.

O primeiro semestre iniciou com a aula da disciplina “Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa” e foi nela que ouvi mais uma vez a palavra **letramento** que é o eixo do meu trabalho, o qual eu pretendia estudar com mais ênfase já que o título me despertava atenção.

A disciplina por sua vez, contribuiu bastante com a minha prática profissional e despertou em mim o desejo de renovar. Foi através dela que consegui entender com mais precisão o conceito de letramento e sua importância, bem como trabalhar a alfabetização de forma construtiva, com mais segurança e coerência. Também pude tirar algumas dúvidas em relação à linguagem vista como fenômeno social, estruturada de forma dinâmica e coletiva.

De acordo com Magda Soares:

Letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequentemente de ter-se apropriado da escrita e da suas práticas sociais. (SOARES, 1998, p.39).

Mesmo eu já possuindo um pouco de conhecimento sobre o tema mencionado, pude perceber que houve um avanço significativo em relação à minha prática pedagógica. Durante o decorrer dessa disciplina, tive que ler muito, para aprender um pouco mais sobre o modelo atual de ensino. Entendi que existe a necessidade de mudanças de paradigmas teóricos e práticos no campo da alfabetização. Aprendi muito sobre o método construtivista, porém o modelo tradicional ainda aparece enraizado na prática educativa de muitas escolas e professores. De acordo com Sérgio Leite,

no modelo tradicional, a escrita era entendida como um simples reflexo da linguagem oral, ou seja, a escrita era concebida como uma mera representação da fala; nesta perspectiva, ler e escrever são entendidos como atividades de codificação e decodificação, sendo o processo de alfabetização reduzido ao ensino do código escrito, centrado na mecânica da leitura e da escrita. (LEITE, 2001, p.23).

Na minha concepção, nada dura para sempre. Procuro seguir o ritmo que segue o sistema educacional. Sendo assim busco o melhor para meus alunos, tenho uma visão ampla, a ponto de saber que um método novo sempre tentará superar o anterior.

O construtivismo é um modelo de ensino superior pelo qual fui ensinada. É bom! Apresenta resultados positivos partindo da construção pessoal de cada aluno com a intervenção do professor! Mas amanhã esse modelo pode ser considerado ultrapassado para as expectativas da época. Como dito anteriormente: o que é bom hoje pode não ser

amanhã. Concluo a minha fala salientando que não são necessariamente as teorias, nem os métodos, mas a eficiência do professor que faz a diferença.

(...) Por isso é que na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. (FREIRE, 1996, p. 43 – 44)

Valorizo o conhecimento prévio dos meus alunos, porque não vejo a escola como único meio de transmissão de conhecimento, a escola deve assumir a função de desenvolver o aprendizado.

Outra disciplina que trouxe a meu ver contribuições muito significativas com a minha prática e está relacionada ao meu eixo foi “Pensamento Psicológico e Educação”, onde através dela estudamos como Vygotsky, Piaget, Freud e Skinner vêem o indivíduo, e de quais mecanismos o mesmo precisa para ter uma aprendizagem significativa.

Dos autores citados acima quero salientar Vygotsky, pelo fato de sua concepção ir de encontro com o meu modo de pensar.

Segundo Vygotsky (1991), o ponto de partida para a aprendizagem deve ser aquilo que a criança já sabe, levando-a a entender no caminho da análise intelectual, da comparação, da unificação e do estabelecimento de relações lógicas. A aprendizagem depende das características individuais de cada aluno, que corresponde em grande parte às experiências que vivem; que variam em forma e ritmo, em vista de suas capacidades, motivações e interesses pessoais e também das pessoas com que convive. Acrescentando que é sempre importante o papel da mediação do professor durante todo o processo de construção do conhecimento, pois o desenvolvimento de um aluno depende principalmente da interação entre professor e aluno, aluno com o professor e do aluno com o aluno.

Uma outra contribuição adquirida no PROESF que não posso deixar de citar foi oferecida pela disciplina “Multiculturalismo e Diversidade Cultural”, a qual me possibilitou “a olhar com outros olhos”, porque um olhar pode resultar em uma ação interpretativa. É o conhecimento sobre os processos de aprendizagem que renova o nosso olhar e nos faz enxergar novas possibilidades de ensinar, possibilidades que só podem ser compreendidas se o nosso olhar estiver iluminado por outra forma de perceber as mesmas coisas. Aí então, entra um fator muito importante, a troca que tem

como finalidade o conhecimento de um para com o outro. É por meio de trocas, que os alunos aprendem que existem opiniões diferentes das suas, fazendo assim uma comparação entre elas e passando a analisar diferentes estratégias de solução.

O espaço para que haja essa troca deve ser oportunizado pelo professor, e se bem usado tornar-se-á muito produtivo, pois na sala de aula os alunos apresentam uma diversidade cultural imensa que deve acima de tudo ser respeitada por todos.

Meu novo olhar possibilita-me compreender que dentro de uma sala de aula existe uma pluralidade de pessoas que possuem cada uma, um modo de ser, pensar e agir e apresentam culturas diferentes. Hoje vejo com mais clareza que a elaboração do conhecimento ocorre a partir do lugar social que o ser ocupa, das práticas culturais a que teve acesso e das relações sociais que vivencia ou vivenciou. Portanto, essa elaboração não se dará da mesma forma para todos. Não somos iguais, sendo assim, precisamos aprender a trabalhar, conviver e aceitar as diferenças, pois, cada criança é diferente no modo de agir, de pensar e na forma como constrói e reelabora seus conhecimentos. Por esse motivo, não podemos pretender que a assimilação e a construção do conhecimento dos alunos aconteça de forma homogênea.

Portanto Trindade propõe:

...olhar os nossos alunos, não com o olhar que os vê como incapazes, incompetentes, doentes, sem perspectivas, olhar esse que pode destruir impedir qualquer possibilidade, mas com o olhar da fé, da confiança. Mas, para isto, nós educadores (as), professores (as), temos que ter uma confiança inabalável na potência de vida dos nossos (as) alunos (as), olhá-los e sermos capazes de nos fascinar com a vida e as múltiplas possibilidades que ela nos apresenta. (TRINDADE, 2000, p. 12 -13).

Em uma outra aula a professora Luciana, nos passou a história da águia como uma reflexão, que foi muito significativa para mim por apresentar uma mensagem relacionada ao sentimento que eu possuía naquele momento.

A história da águia.

A águia é uma ave que possui maior longevidade da espécie. Chega a viver setenta anos.

Mas para chegar a essa idade, aos quarenta anos ela tem que tomar uma séria e difícil decisão. Aos quarenta ela está com as unhas compridas e flexíveis, não consegue mais agarrar suas presas das quais se alimenta. O bico alongado e pontiagudo se curva.

Apontando contra o peito estão as asas, envelhecidas e pesadas em função da grossura das penas, e voar já é tão difícil!

Então a águia só tem duas alternativas: morrer, ou enfrentar um dolorido processo de renovação que irá durar cento e cinqüenta dias.

Esse processo consiste em voar para o alto de uma montanha e se recolher em um ninho próximo a um paredão onde ela não necessite voar. Então após encontrar esse lugar, a águia começa a bater com o bico em uma parede até conseguir arrancá-lo.

Após arrancá-lo, espera nascer um novo bico, com o qual vai depois arrancar suas unhas. Quando as novas unhas começam a nascer, ela passa a arrancar as velhas penas. E só cinco meses depois sai o formoso vôo de renovação e para viver então mais trinta anos.

Em nossa vida, muitas vezes, temos de nos resguardar por algum tempo e começar um processo de renovação. Para que continuemos a voar um vôo de vitória, devemos nos desprender de lembranças, costumes, velhos hábitos que nos causam dor.

(autor desconhecido)

Sentia-me como a águia, necessitando fazer uma escolha: adquirir novos conhecimentos e desprender – me dos velhos, ou ficar com os velhos sem a possibilidade de renovação. É claro que optei por renovar, se eu disser que é fácil estarei mentindo, pois renovar exige pesquisa, e pesquisar nos remete a conhecer o histórico do que está envolvido na pesquisa.

Foi através da disciplina “Temas Transversais”, que pude realmente ver que não é correto fragmentar o saber com as divisões disciplinares, principalmente nas séries iniciais, isso me tocou profundamente, pois, principalmente no início da minha trajetória profissional eu era muito preocupada com a divisão das disciplinas. Para cada disciplina um caderno diferente, com capa específica. Mas logo percebi que não funcionava muito bem, pois somente o caderno de Língua Portuguesa e Matemática eram precisamente usados.

...sabemos que a aprendizagem escolar, baseada no trabalho pedagogicamente planejado para construção do conhecimento, não segue mais a linha cartesiana, com atividades que seguem uma linearidade dentro de cada disciplina mantendo-se distante dos conteúdos diferentes de seu foco de atenção. (ARAÚJO, 2003, p.9)

Há de se convir ainda que muitas escolas e professores continuem seguindo praticamente a mesma lógica que aquela estabelecida nos setores de produção das grandes indústrias: da mesma forma que o trabalho dos operários é setorizado durante a produção dos bens de consumo, o ensino também o é ao dividir em disciplinas, muitas vezes aumentando seu distanciamento quando ministradas por professores diferentes.

A situação descrita acima, me fez lembrar da disciplina “Planejamento e Gestão Escolar”, que deu bastante ênfase à divisão do trabalho que por sua vez deve atender as novas exigências do mercado. É comum vermos dentro de uma empresa a divisão capitalista, onde as atividades intelectual e material, o gozo e o trabalho, a produção e o consumo caibam a indivíduos distintos, ou seja, o que tem mais capital exercerá a função intelectual e o que tem menos, exercerá a material (braçal) e que o mundo da produção tinha como objetivo concentrar maior número de trabalhadores que produzissem uma grande quantidade de produtos pouco diversificados para atender demandas homogêneas, sem abrir espaço para que os operários pudessem propor mudanças, participar e exercer a criatividade. (KUENZER, 2002)

Infelizmente, vejo a escola como uma empresa: cada um exercendo a sua função, o inspetor cuida dos alunos no recreio, os professores são responsáveis pela sua sala de aula, o coordenador toma conta da parte pedagógica e o diretor da parte burocrática. A escola está cada vez mais se tornando um “depósito de crianças”, pois é direito do aluno estudar e dever do poder público assegurar que esse aluno estude. Sendo assim, se torna cada vez mais difícil oferecer uma educação de qualidade, visto que as salas de aula estão superlotadas dificultando o trabalho individual com os alunos de modo a sanar suas dificuldades de aprendizagem.

A instituição escolar, deveria efetivamente trabalhar de modo que todos estivessem envolvidos em prol de uma única causa: a formação efetiva do aluno.

Após essa análise, vejo que os sinais presentes na escola é que mesmo as tendências pedagógicas ora privilegiem a racionalidade formal, ora a técnica, ocorre sempre um rompimento do pensamento e da ação.

Isso quer dizer que, não estamos deixando, embora acredite não ser propositalmente, nossos alunos participar do processo de construção do conhecimento, já temos o planejamento definido e transmitimos a eles exatamente os ideais da classe dominante (que é a que tem mais capital) que quer a população cada vez mais inculta e acrítica, por isso oferecem até mais vagas, por outro lado, o conteúdo pouco contribui para a “libertação” de quem a frequenta.

Dentro dessa perspectiva, faço um paralelo com a disciplina “Pensamento Filosófico e Educação”, onde pude estudar através da leitura do livro “Escola e Democracia” de Dermeval Saviani, as teorias pedagógicas não-críticas e as crítico-reprodutivistas.

O primeiro grupo é formado pela pedagogia tradicional, nova e tecnicista que concebem a educação como instrumento de correção da marginalidade que é entendida como um fenômeno acidental que afeta individualmente um número maior ou menor dos membros da sociedade.

Porém o segundo, entende a marginalidade como um fenômeno inerente à própria estrutura da sociedade, que como o próprio nome diz, critica, mas reproduz a sociedade tal como é.

A pedagogia tradicional é aquela centrada no professor que é tido como detentor do saber que transmite o conteúdo, o qual é seguido pelos alunos com disciplina e atenção.

Aos poucos essa teoria foi “caindo por terra” devido às dificuldades de acesso de todos à escola, sem contar o fracasso escolar que também entrou em evidência. Surge então a pedagogia nova, que concebe o aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem, novamente um erro, pois a educação não deve ser centrada no professor, e muito menos no aluno.

Sabemos hoje, que o papel do educador é gerar motivação e usar metodologia de busca e aquisição de conhecimento com a participação ativa do aluno, que era considerado na época da pedagogia tradicional, como ser passivo perante o fenômeno ensino-aprendizagem.

A proposta da escola nova veio a rebaixar ainda mais o nível da aprendizagem e do ensino, pois retirou a centralidade do processo no professor que possuía o conhecimento, passando para o aluno que não tinha condições de adquirir sozinho o saber.

Por último, veio à pedagogia tecnicista, nessa, a educação far-se-á de modo a formar indivíduos eficientes, portanto capazes de contribuir para o aumento da produtividade da e na sociedade. Embora tenha havido a substituição dos métodos, os ideais que estavam por traz dos conteúdos, continuavam atendendo ao interesse da classe dominante.

Outro fator que vale ressaltar é a Teoria da Escola Dualista, ou seja, mais uma vez está aí o proletariado e a burguesia com fronteiras bem distintas, onde aos filhos das

classes mais abastadas foi oferecida a educação primária profissionalizante e para a outra a educação secundária, pois só a essa, seria dado à chance de chegar ao nível de educação superior, de forma a manter o poder na sua beneficiada classe. Este é o aparelho ideológico do Estado Capitalista, que trabalha a favor da classe dominante e contribui para manter as relações sociais de produção capitalista.

Saviani defende uma pedagogia revolucionária de modo a valorizar os conteúdos a fim de quebrar a hegemonia da classe dominante e inserir a escola num processo mais amplo de construção de uma nova sociedade.

Concluo, enfatizando a seguinte frase de Saviani “... o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação.” (SAVIANI, 2006, p.55).

Quem deveria estar de “mãos dadas” com a escola é a família, porém, essa parceria dificilmente acontece.

Em todas as reuniões de pais, principalmente na primeira, falo que o trabalho da escola é a continuação do trabalho familiar, que a escola e a família precisam se aliar em prol da educação. A família deve estar presente durante todo o processo escolar dos filhos, principalmente nas séries iniciais.

Porém, o que acontece é o inverso. O que mais se vê atualmente são crianças vítimas de famílias desestruturadas e sobrecarregadas por conta do trabalho, com pouco ou nenhum tempo para os filhos, e como consequência disso, tornam-se crianças desinteressadas, com baixa auto-estima, indisciplinadas e com pouco rendimento escolar.

Muito raramente pais e responsáveis procuram a escola para elogiar o trabalho do professor junto a seu filho. Mas por simples erros, somos rotulados por eles às vezes pelo resto da vida. Porém, como o meu trabalho não gira em torno de elogios e gratidões, continuo a minha grande e adorada função de professora educadora, mesmo tendo sala com número excessivo de alunos, prédio com estruturas desfavoráveis para crianças especiais, baixo salário, entre outros...

...quanto ao professor, a recuperação de seu papel profissional implica em salários dignos e condições de trabalho que garanta o tempo necessário para o planejamento, a avaliação de sua ação educativa e seu contínuo aperfeiçoamento. (NICOLAU, et., al. 1986, p.3)

Dou muita importância à inserção da família no contexto escolar, visto que, a educação da criança envolve simultaneamente dois processos complementares e indissociáveis: cuidar e educar. Sendo assim a parceria família e escola a meu ver, é o caminho para uma educação significativa, pois a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico, faz parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, em um determinado momento histórico, e profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, assim como também o marca. A criança tem na família, biológica ou adotiva, um ponto de referência fundamental, apesar da multiplicidade de interações sociais que se estabelecem com outras instituições sociais.

Acredito que, aproximar a comunidade da escola dentro de uma proposta de representação social é muito importante, pois muitas vezes, pensamos em nossos alunos como padronizados, esperamos por um modelo de “aluno ideal” dentro de um único perfil. E como dito anteriormente nossos alunos não são todos iguais, cada criança possui a sua história, sua origem, seus hábitos, costumes, crenças, e como cada um possui o seu papel como sujeito social e deve ser respeitado como tal, faz-se necessário que essas duas instituições (família e escola) andem de “mãos dadas”.

Nós educadores precisamos buscar a aproximação com o aluno e aceitar sua realidade mesmo que esta não esteja dentro daquela realidade idealizada. É necessário vencer as barreiras da exclusão, fazendo com que as diferenças possam ser suporte para uma aprendizagem ampla, voltada para a realidade de cada um para que possam ser reconhecidos como indivíduos, incentivados como pessoa e estimulados como ser humano (TRINDADE e SANTOS, 2000).

Procuro sempre dar vez e voz aos meus alunos na sala de aula, através do diálogo, consigo me aproximar mais deles, criar um vínculo maior, pois não quero que eles sejam vítimas de uma alfabetização baseada na mecanização e memorização da qual eu fui e não tenho boas recordações, por isso, tento oferecer a eles um espaço de aprendizado diferenciado do qual eu tive, um ambiente saudável, pois quero que meus alunos encontrem significado e importância no conhecimento que estão adquirindo, que eles se sintam seguros para perguntar e expor suas idéias, pois o professor que estimula a criança a expressar o que sente, logo vê mudanças significativas no seu comportamento e na sua aprendizagem.

Nos meus tempos de escola a relação professor-aluno se dava de forma distante, ou seja, o professor era sempre autoritário e queria que os alunos sentissem medo dele,

assim poderia “domesticá-los” e não teria problema de indisciplina. Não é esse tipo de relação que quero ter com meus alunos, pois acredito que ter medo, não é ter respeito.

Diante desse contexto, concordo com Paulo Freire quando nos diz que a presença do professor na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor escapa ao juízo que dele fazem os alunos. Seja quem for o professor: autoritário, competente, sério, incompetente, irresponsável, licencioso, frio, amoroso, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca.

Apesar de a escola ser um lugar onde o compromisso maior é a transmissão e a produção do conhecimento, não se pode separar o desenvolvimento afetivo dos alunos do desenvolvimento cognitivo dos mesmos, na verdade os dois são inseparáveis.

Considero a afetividade como um ingrediente indispensável no processo ensino-aprendizagem, já que a afetividade e a aprendizagem são aspectos significativos, indissociáveis e presentes em qualquer atividade, constituindo-se o afeto como um fator necessário para que a estrutura cognitiva passe a operar, além de influenciar no modo como se constrói o conhecimento, pois é indiscutível que as pessoas aprendem com mais facilidade quando se sentem seguras. Sendo assim, a motivação é um dos aspectos mais importantes de que o professor dispõe junto aos seus alunos, não significando apenas incentivá-los, mas possibilitar que o processo de aprendizagem seja motivador em si mesmo. A postura em sala de aula e o modo de falar constituem-se em meios de expressão de afetividade. Ser receptiva, estar próxima, acolher a criança quando esta sente necessidade são fatores importantes para estabelecer uma cumplicidade no aprendizado das mesmas, sendo assim percebe-se que

As relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica necessariamente uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto esta presente. (ALMEIDA, 1999, p.107).

Na teoria Waloniana, a afetividade é o ponto de partida do desenvolvimento do indivíduo. E Wallon (1992) acredita também que, a afetividade e a inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois ambas tem funções bem definidas e, quando integradas, permitem à criança atingir níveis de evolução cada vez mais elevados.

Dessa forma, o modo como nós educadores enxergamos a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgamos e procuramos nos aproximar do aluno, acreditamos nele, observamos seu comportamento e incentivamos suas capacidades, ele tem tudo para crescer. Como educadora, tenho observado que cada ano que passa as crianças estão mais carentes de carinho, elas chegam à escola com muita vontade de falar o que sentem, o que aconteceu com elas... e se nós não abriremos espaço para que elas possam se expressar, estaremos perdendo uma grande oportunidade de fazer a diferença na vida delas.

É importante salientar que, a qualidade do ambiente e conseqüentemente o desenvolvimento das aulas estão diretamente relacionados ao estado de espírito das pessoas, ou seja, os alunos que se relacionam e se desenvolvem bem são aqueles que se sentem acolhidos, valorizados por seus talentos e que lidam bem com seus sentimentos.

Dessa forma afirmo que, o meio social tem influência direta sobre as mais diversas reações humanas. É no meio social, na interação com os outros, que as emoções rudimentares vão se tornando mais socializadas.

Não posso deixar de citar, as contribuições que a disciplina “Avaliação” trouxe. As aulas eram sempre polêmicas, e todos os alunos sentiam a necessidade de opinar, devido ao fato da insatisfação de como a avaliação vem sendo usada.

Sabemos que a avaliação apresenta duas funções: diagnosticar e classificar

A diagnóstica permite ao professor e ao aluno detectar os pontos que precisam posteriormente ser enfatizados no ensino e na aprendizagem.

A classificatória tem o intuito de hierarquizar e classificar o aluno.

A escola prega em parte a avaliação com base na primeira função, mas a emprega fundamentalmente para a segunda.

Sou fruto da segunda função, com seus equívocos e contradições, por isso sinto a necessidade de fazer uma pequena reflexão a esse respeito.

Meus professores, acredito, que não pararam para refletir quando aplicavam uma avaliação e não consideravam: que tentativas tinha feito para realizar tal avaliação? Que dúvidas manifestou? Como interagiu com os outros alunos? Demonstrou independência? Revelou progressos em relação ao ponto em que estava?

Essa última indagação é a que mais me inquieta.

Na escola em que eu estava trabalhando o ano passado, o diretor resolveu aplicar uma avaliação interna para que pudesse “acompanhar” o nível de desenvolvimento dos alunos. Em nenhum momento nós professores fomos consultados e solicitados para que

ajudássemos na elaboração da mesma. A “provinha” tinha sido elaborada pela equipe gestora (coordenadora, vice-diretora e diretor). Os mesmos diziam que iriam considerar o mínimo exigido para cada série.

Mesmo não concordando, tive que aplicar, afinal era uma ordem e não uma escolha. E para agravar ainda mais, os professores tinham que aplicar a prova em outra sala que não a sua; a confiança e a segurança que os meus alunos tinham em mim, foi “jogada fora”, já que a equipe gestora acreditava que não ficando na minha sala eu não iria ajudar nas respostas.

O pior de tudo era que exigiam que eu atribuisse uma nota para os alunos aos quais eu apliquei a prova e que estavam no primeiro ano do ensino fundamental (antigo pré), esses ainda não escreviam convencionalmente, por estarem no processo de construção da leitura e escrita.

Como eu iria atribuir uma nota a um aluno em processo de construção de escrita, sem ao menos conhecer os caminhos que ele usou para chegar até aquela escrita? Com o agravante de que não eram meus alunos e eu não tinha como saber o grau de dificuldade enfrentado para conseguir chegar à resposta dada.

Para mim devemos avaliar o percurso e não o resultado final, isso sem contar que é necessário acompanharmos o desenvolvimento do aluno de perto. Luckesi (2001) afirma que, o que prevalece é a nota, isto é, o resultado final, não importa como elas foram obtidas, nem por quais caminhos. São operadas e manipuladas como se nada tivesse a ver com o percurso ativo da aprendizagem.

Infelizmente, percebe-se no cotidiano escolar que a avaliação está longe de ser um ato humano, ela vem cada vez mais se tornando um juízo de valor, ou seja, é considerada um trunfo nas mãos do professor que ameaça diminuir a nota dos alunos em função de algo que eles façam que possa lhe desagradar, como por exemplo, a indisciplina, sendo assim, ela é vista como instrumento de controle e de limitações das atuações (professor-aluno), dentro do contexto escolar.

Longe de ser um julgamento, a avaliação deve sim ser um instrumento de auxílio nas mãos do professor, que deve fazer dela uma aliada para contribuir com o sucesso da aprendizagem.

Como educadora, vejo a necessidade de revertermos o conceito negativo em relação à avaliação. Com certeza é um convite desafiador, mas se queremos contribuir na formação de uma sociedade justa, precisamos agir.

A avaliação, em um sentido amplo, é uma atividade que faz parte da vida humana e está presente no cotidiano dos indivíduos. Por isso, ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo.

Dessa forma, a dicotomia entre o erro e o acerto e entre o saber e o não saber, marcos da concepção classificatória de avaliação são aspectos profundamente enraizados em nossa forma de ver o mundo.

A leitura do erro em sua positividade nega o conhecimento hegemônico e se insere na perspectiva de reconstrução paradigmática. Pois a transformação no processo de avaliação se configura no âmbito de um movimento mais amplo de reconstrução do sentido da escola e se articula ao movimento global de redefinição das práticas sociais.

Por isso, o processo de avaliação ainda se faz necessário, não só como exigência legal, mas para que o professor possa detectar os avanços conquistados pelo aluno e que conteúdos ainda é preciso reforçar, retomá-lo sob novas formas ou com novos métodos, para que o aluno possa aprender realmente.

Portanto, a avaliação deve ser contínua, pois ela é um processo. Ela deve também ser variada, oportunizando assim, a todos os alunos, com capacidades diversas, demonstrar seu aprendizado. Para que isso aconteça na prática nós educadores temos que nos valer de diferentes instrumentos de avaliação, sem perder de vista os critérios que orientam e norteiam o que deve ser avaliado, ou seja, o que é relevante que o aluno deva aprender, sendo capaz de estabelecer relações, refletir, entender, transformar, reelaborar tais conhecimentos, tornando-se cidadão participativo na sociedade. Por isso ressalto que, a avaliação deve ser planejada relativamente aos conhecimentos que serão recontextualizados em um momento superior.

Tento aplicar a avaliação dentro dessa perspectiva, porém mesmo tendo compreendido que a avaliação educacional serve para diagnosticar os avanços e dificuldades dos alunos, bem como para nortear o trabalho do professor, tenho que transformar essas observações em medidas expressas em letras que apresentam unidade de juízo avaliativo.

Mas, hoje, com mais referências teóricas trazidas pelo PROESF, sei que essas dificuldades serão senão superadas, ao menos avaliadas por mim com mais assiduidade e criticidade.

5 - LETRAMENTO, VOCÊ PRÁTICA?

Todos erram: a maioria usa os erros para se
destruir; a minoria para se construir.
Estes são os sábios
Augusto Cury

Dada a necessidade de proporcionar uma alfabetização prazerosa e eficaz para os meus alunos comecei a repensar a minha prática até então, embora eu sempre ofereça atividades diferentes, ainda não consegui “arrancar” de mim resquícios de uma alfabetização pautada em exercícios de codificação e decodificação da qual eu fiz parte.

Esses “resquícios” aparecem quando ainda me encontro sugerindo aos meus alunos atividades que consistem em: juntar letras para formar sílabas; $B+A = BA$, $B+E = BE$ e assim sucessivamente para depois, a partir das sílabas, formarem palavras, como por exemplo: $BA + LA = BALA$. Esses exercícios se fizeram presentes no período em que fui alfabetizada, e não proporcionaram nada mais do que uma simples memorização, bem diferente da prática pedagógica, a qual busco desenvolver com meus alunos. Essa, por sua vez, é pautada no trabalho com textos diversificados, como: músicas, poemas, canções, que fazem parte do cotidiano das crianças, sendo assim, possibilitam maiores participações bem como interesse por parte dos alunos.

Renovar e muitas vezes mudar é necessário, mas é preciso cuidado para não vitimar nossos alunos.

A princípio, não foi fácil trilhar esse novo caminho, admito que, me deu um “frio na barriga”, pois o novo é sempre difícil, tive alguns momentos de insegurança, mas me dediquei à leitura sobre o assunto, aprimorei meus conhecimentos e tive força para colocar em prática tudo o que havia aprendido, pois sabia que precisava romper barreiras para ir ao encontro de uma alfabetização mais significativa para meus alunos.

Levei um pouco de tempo para entender que a alfabetização e o letramento não são sinônimos, e sim, indissociáveis, pois a princípio o estudo do aluno no universo da escrita se dá concomitantemente por meio desses dois processos. A alfabetização se dá pelo desenvolvimento de habilidades da leitura e da escrita e o letramento, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Sendo assim, o letramento se sobrepõe à alfabetização. Por isso devemos ter em mente que para o sucesso do nosso aluno na

sociedade atual é necessário proporcionarmos a ele uma alfabetização rumo ao letramento.

Outro aspecto que diz respeito ao letramento, é que este não apresenta uma única definição, pois a sociedade entende a leitura e a escrita de maneiras diferentes. Sendo assim, Kleiman (1995) define letramento como sendo um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos. Já Soares mais recentemente (1998) colocá-nos que é possível identificar no letramento as dimensões individuais, sociais e afetivas, ou seja, as habilidades que as crianças adquirem na leitura e escrita, desde o domínio do código escrito até a construção do significado de um texto, demonstram-nos diferentes níveis de letramento da mesma, uma vez que todos nós temos contato com o universo da leitura e escrita, mesmo antes de freqüentarmos a escola.

Até mesmo o chamado analfabeto, sem domínio do código, consegue identificar qual é a estrutura de uma carta e qual é a função social deste tipo de texto, de modo que o que precisamos fazer é ampliarmos o uso de textos verdadeiros durante a alfabetização e deixarmos de lado o uso de textos reducionistas que só existiam nas cartilhas.

Magda Soares (2004) afirmou no seu livro “Letramento, um tema em três gêneros”, que a palavra letramento é recém-chegada ao vocabulário da educação e é há cerca de 10 anos que ela surge nos discursos dos especialistas dessa área.

Cabe analisar por que o surgimento dessa palavra.

De acordo com a autora o termo trata da versão para o português da palavra inglesa literacy, que significa estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever, mas, esse aprender a ler e a escrever não consiste em dominar a tecnologia do ler e do escrever e sim se envolver nas práticas sociais de leitura e escrita, isto é, estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter – se apropriado da escrita.

No decorrer da trajetória histórica da alfabetização, a escrita era entendida como um simples reflexo da linguagem oral, ou seja, mera representação da fala, aonde o processo de alfabetização era caracterizado pela codificação e decodificação, sendo assim, reduzido ao código escrito, baseado na mecanização, isto é, era necessário a criança decorar o código (sílabas) e aplicá – lo em exercícios, na maioria das vezes sem sentido para ela, como os textos cartilhescos, aonde os exercícios são baseados em montar e desmontar palavras, seguimento do alfabeto, (a,b,c...) fixação de “famílias

silábicas” anteriores para conseguir avançar, a criança se restringi a decorar o conteúdo; e esse método não está relacionado a uma prática reflexiva (não exige reflexão). E para conseguir uma boa qualificação profissional, é necessário, estudar e se aperfeiçoar sempre, o que nos dias de hoje, está cada vez mais difícil.

Porque, por mais que acreditamos que a escola é quem deve qualificar os alunos como ser humano, na prática isso não acontece, já que o modelo educacional ainda atende aos interesses da classe dominante, que consiste na manipulação da massa, aonde o ensino oferecido é na maioria das vezes de má qualidade impossibilitando a aquisição da leitura e escrita, enquanto função social e tornando cada vez mais difícil o ingresso dessas pessoas em faculdades públicas.

Hoje, sabe-se que a compreensão do sistema da escrita é apenas uma parte não sem importância, mas apenas uma parte do processo. Alfabetizar, portanto, é parte de um processo mais amplo – o letramento.

A alfabetização através da cartilha tradicional trazia a concepção de que o processo de construção da leitura e escrita dependia de estímulos externos. Havia a exigência de pré – requisitos para a aprendizagem da escrita, ou seja, a criança “pronta”, “madura”, passando por um processo cumulativo.

O ensino da cartilha era considerado como tradicional e o professor adepto a ele, não considera os conhecimentos prévios dos alunos, julgando – os como um ser vazio, acumulador de informações transmitidas por ele, que se julga detentor do saber, aonde o erro mostra o que o aluno não aprendeu e a avaliação serve para a verificação do conteúdo dado ou, é vista como mecanismo de classificação. Assim, o modelo tradicional só prioriza o individual, aquilo que o indivíduo consegue aprender e fazer sozinho, independente de suas conquistas e potencialidades realizadas no decorrer do processo de alfabetização, em interação com o professor e outros alunos.

Vejamos em destaque algumas características desse modelo mecanicista (tradicional):

- **Escrita** – reflexo da linguagem oral (decodificação);
- **Cópia** – visão mecânica;
- **Prontidão** – primeiros passos para se chegar na 1ª série (coordenação motora);
- **Repetição** – quanto mais ouve, mais facilidade terá de reproduzir;

- **Educação bancária** – acredita – se que a criança é um “depósito”, o importante é a quantidade, o aluno é passivo, só recebe, não elabora.

Portanto, se a criança tem contato com a leitura e escrita e pensa sobre elas tendo diferentes concepções antes de ingressar na escola, a função da escola é dar continuidade à forma sistematizada desse processo que ocorre naturalmente uma vez que a criança vive ativamente na sociedade, participa dela e tem incentivo afetivo das suas famílias.

Neste sentido, uma das críticas ao modelo tradicional é que ele representa uma ruptura nesse processo: a escola passa a apresentar para a escrita através de textos totalmente descontextualizados, enfatizando somente o código, em detrimento do significado. Além disso, utilizam – se de textos que não correspondem aos sociais da escrita. O desafio que se coloca para a escola, portanto é possibilitar ao aluno ampliar as possibilidades dos usos lingüísticos da escrita, habilitando – o nos diferentes usos da linguagem escrita e oral, numa perspectiva crítica, ou seja, formar o leitor e o produtor de textos tendo em vista o aprimoramento do exercício da cidadania. (LEITE, 2001, p. 29).

Segundo Paulo Freire

Se pretendermos a libertação dos homens não podemos começar por aliená- los ou mantê – los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis, que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo. (FREIRE, 1987, p.67).

No entanto, foram os países de 1º mundo, que começaram a criticar esse sistema educacional, pois passaram a perceber que mesmo o indivíduo passando alguns anos pela escola, tendo contato com a leitura e a escrita, não conseguia se apropriar da mesma, não as usava como instrumento de inserção social, isto é, não entendia a leitura e a escrita como peças fundamentais para seu desenvolvimento como cidadão, de modo que, através delas, fosse possível expressar opiniões, buscar informações, conhecimento e prazer.

O indivíduo que não enxerga tudo isso, ou seja, não usa a leitura e a escrita como fator social, é considerado como analfabeto funcional. E para superar esse analfabetismo funcional é necessário um novo conceito de alfabetização, pois, para Sérgio Leite (2001)

...dos indivíduos já se requer não apenas que dominem a tecnologia do ler e do escrever, mas também que saibam fazer uso dela, incorporando – a a seu viver, transformando assim, seu estado ou condição, como consequência do domínio dessa tecnologia... (AMARAL, 2001apud LEITE, 1995, p.76).

Com a informatização e com o capitalismo crescendo, houve a necessidade de “aperfeiçoar” a alfabetização, pois, a sociedade passou a exigir indivíduos “mais alfabetizados” para atender a essas novas necessidades.

Esse novo conceito de alfabetização considera tanto as habilidades individuais, no que diz respeito ao domínio da tecnologia do ler e do escrever, como o fator social, pois, é necessário, o indivíduo aplicar e utilizar a leitura e a escrita no seu dia – a – dia.

E para a efetivação desse novo conceito, é importante considerar o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, aonde o professor irá atuar como mediador, considerando os conhecimentos prévios dos educandos, e o erro serve para o professor repensar o ensino, ou seja, se o aluno errou, deve – se ensiná – lo de outras formas, com outras explicações e por fim, a avaliação deve ocorrer a todo momento, sendo diagnóstica, de modo a mostrar o que precisa ser retomado.

Desse modo, o processo de alfabetização tem início bem antes da escolarização, pois a criança mesmo antes de entrar na escola, através da mediação do adulto (e quanto mais melhor) tem contato com a leitura e a escrita. E a escola tem como desafio, sistematizar esses conhecimentos, tendo como ponto de partida e de chegada o texto. E esta deve principalmente oferecer textos diversificados, que fazem parte do cotidiano do aluno (por exemplo: receitas, rótulos, etc.) bem como utilizar as linguagens oral e escrita nos seus diversos gêneros, isto é, formar um bom produtor e leitor de textos.

Para esse conceito dá – se o nome de Letramento, que consiste nas habilidades individuais do indivíduo, ou seja, desde o domínio do código até a construção do significado de um texto, bem como o que as pessoas fazem com as habilidades e os conhecimentos relacionados com a leitura e escrita, ou seja, onde, como, para que serve e quando utilizar os códigos. Sendo assim, é possível situar a alfabetização como parte do processo de letramento.

O trabalho da alfabetização deve ser vivenciado e contextualizado para que o homem compreenda o seu verdadeiro significado, como força de transformação do mundo e da sociedade de maneira consciente.

Portanto pode – se dizer que:

Só se estará contribuindo para a conquista da cidadania se, ao promover a alfabetização, propicia-se, sobretudo, condições de possibilidade de que os indivíduos se tornem conscientes de seu direito à leitura e a escrita, de seu direito a reivindicar o acesso à leitura e a escrita”

“Não há em sociedades grafocêntricas, possibilidade de cidadania sem o amplo acesso a todos `a leitura e à escrita, quer em seu papel funcional – como instrumentos imprescindíveis à vida social, política e profissional – quer em seu uso cultural- como forma de prazer e lazer. (SOARES, 2004, p. 57 - 58).

Diante dos fatos mencionados, senti-me desafiada mais ainda a alfabetizar letrando, não parecia algo tão fácil, mas também não era muito diferente da forma como venho trabalhando.

Sendo assim me senti convidada a colocar um pouco mais em prática esses conhecimentos que venho adquirindo.

Fui selecionando diferentes materiais como poemas, canções, parlendas, etc e, aos poucos, levando para a sala de aula uma maior concentração de diferentes tipos de textos e mediante a isso passei a observar mais a relação das minhas crianças com estes materiais.

Também procurei lidar melhor com as práticas letradas vivenciadas fora da escola, planejando as atividades de alfabetização de forma a garantir a participação das crianças em eventos diversificados de letramento. Sendo assim, solicitei aos alunos que trouxessem para sala de aula, a certidão de nascimento, uma receita do que mais gostavam de comer, rótulos de embalagem, escrita de regras de brincadeiras conhecidas e as origens das mesmas, dentre outros. Enfim, trabalhei vários textos conhecidos pelas crianças e carregados de significados para elas. Pude perceber a participação efetiva dos alunos, pois, todos queriam opinar e contar o que tinham trazido para a aula e se sentiam importantes e muito mais motivados.

Esse tipo de atividade é muito superior àquelas que eu tinha que realizar quando estava sendo alfabetizada, assim, podemos entender que o modelo tradicional de alfabetização entendida como uma simples aquisição do código escrito não deu conta de explicar todos os aspectos que envolvam o uso da escrita, pois não supõe o que os sujeitos conseguem fazer com a escrita.

A possibilidade de poder participar dessas práticas letradas em menor ou maior grau tem conseqüência sobre o indivíduo e altera seu estado ou condições em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, lingüístico e até mesmo econômicos (SOARES, 1998, p.18).

Nós educadores temos um papel muito importante e decisivo na educação de nossos alunos, se quisermos que eles tenham uma participação significativa na sociedade atual que é tão elitista e excludente. Mesmo tendo consciência de que sozinhos não conseguiremos transformá-la, devemos contribuir para sua mudança e é lógico que esse trabalho não é fácil, pois os nossos alunos já possuem uma bagagem cultural e de valores, mas cabe a nós, professores, “plantar boas sementes” para colhermos “bons frutos futuramente”.

Acredito que nós, não podemos ser omissos a todas as problemáticas sociais, nem tampouco deixar de desenvolver um trabalho pedagógico voltado para essas questões, procurando assim oferecer aos educandos uma forma crítica e reflexiva sobre a sociedade em que estão inseridos, bem como despertando neles a capacidade de transformação e não de acomodação. De acordo com Freire (1979):

o processo educativo deve possibilitar o desenvolvimento da consciência crítica, que ocorre somente através do exercício da reflexão crítica da realidade social, marcada pela análise profunda desta, possibilitando ao indivíduo constituir-se como sujeito da história (a sua humanidade), ativo e transformador do seu meio. (apud LEITE, 2001, p. 26 e 27).

6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós.
Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.
Antoine de Saint Exupéry

Chego finalmente à conclusão desse texto reflexivo, que considero uma conquista, pois no início pensei que não fosse capaz. Foi no decorrer desse trabalho que percebi o quanto cresci e venho crescendo profissionalmente. Através das minhas análises, concepções e avaliações, pude perceber como foram grandes e significativas as contribuições que obtive durante minha formação acadêmica.

Embora eu já possuísse conhecimentos sobre os temas mencionados, constatei que houve um avanço significativo na minha prática docente. No geral, todas as disciplinas contribuíram para que eu aprofundasse meus conhecimentos e compartilhasse com meus alunos uma aprendizagem mais significativa.

Partindo desse pressuposto e dos embasamentos teóricos adquiridos no decorrer do curso, passei a refletir e avaliar a minha prática pedagógica, e percebi que exigia mudanças. E essas mudanças foram acontecendo gradativamente, porque antes de colocar em prática, faço uma análise minuciosa de informações relevantes sobre o assunto. Hoje percebo de forma crítica o quanto é desafiadora a vida das pessoas que se dedicam à educação.

Ser um educador comprometido com a educação não é tarefa fácil, mas também não é impossível. Por isso, renovar, repensar e muitas vezes mudar é necessário, mas é preciso cuidado para não vitimar nossos alunos. O modo como nós educadores enxergamos a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem.

Nós professores precisamos estar preparados humanitária e psicologicamente de forma constante, já que enfrentamos inúmeros problemas, tanto burocráticos como estruturais no âmbito escolar. Temos que aprender uma linguagem que desperte nos alunos o verdadeiro desejo de aprender, e de querer participar. Que essa linguagem possa amenizar a situação do atual quadro em que a educação está inserida.

Chego à conclusão que o trabalho do professor educador é inacabável, portanto nunca se findará. Por ser inacabável, precisamos sempre buscar mais, ter ambição para aprender. O professor não pode se contentar com o ensino mínimo necessário. Nem tampouco, ensinar por ensinar.

Portanto, tenho orgulho de dizer que escolhi ensinar, não posso reclamar da necessidade de renovar, adquirir novos conhecimentos. A pessoa que se dedica à

educação precisa ter uma vida eclética, profunda, intensa e instigante. Pois ensinar algo a alguém não é uma coisa simples, e é ensinando que aprendemos.

E assim vou contribuindo com uma educação de qualidade, pois para ocorrer uma mudança de fato, faz-se necessário um comprometimento por parte de todos os envolvidos. Sendo assim, já que não posso “mudar o mundo”, vou pelo menos tentar “mudar as cabecinhas” que passam por mim; e assim vou tocando em frente...

Tocando em frente

(Renato Teixeira/ Almir Sater)

Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte
Mais feliz quem sabe
Só levo a certeza
Se que muito pouco eu sei, ou nada sei

Conhecendo as manhas e as manhãs
O sabor das massas e das maçãs
É preciso amor pra poder pulsar
É preciso paz pra poder sorrir
É preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
Ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou
Todo mundo ama um dia
Todo mundo chora
Um dia a gente chega
No outro vai embora

Cada um de nós
Compõe a sua história
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
De ser feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L, M, C. **A afetividade do Educador**. Revista psicopedagogia, v. 16, nº. 41, 1999. p, 14-15, agosto.

AMARAL, Cíntia Wolf do. “**Alfabetizar para quê? Uma perspectiva crítica para o processo de alfabetização**”. In LEITE, Sérgio Antonio da Silva (org) “**Alfabetização e Letramento, Contribuições para as práticas pedagógicas**”. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

ARAÚJO, Ulisses F. **Temas Transversais e a Estratégia de Projetos**. São Paulo. Editora Moderna, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17^a ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

_____. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEITE, Sérgio Antonio da Silva (org). **Alfabetização e Letramento: contribuições para as práticas pedagógicas**. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2001.

MORENO, M. **Falemos de sentimentos: Afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

NICOLAU, M. **Alfabetizando com sucesso**. São Paulo: Ed. Pedagógica e Universitária, 1986.

PERISSÉ, G. **A Arte de Ensinar**. São Paulo SP: Thex Editora, 2004.

ROJO, Roxane. **Alfabetização e Letramento: perspectivas lingüísticas** (org)._ Campinas, SP: Mercado de letras, 1998.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. São Paulo: Cortez: autores associados, 2006.

SOARES, Magda. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Contexto, 2004.

TRINDADE, Azoilda Loretto da, Santos, Rafael dos (org). **Multiculturalismo: mil e uma faces da escola**. Rio de Janeiro: dp&. 2000.